

NA CADEIA FEMININA DE NDLAVELA: Mulheres aprimoram novos saberes

Evelina Muchanga, 11 Março 2016



CONDENADA a oito anos de prisão por crime de tráfico de drogas, E. Sixpense é uma das jovens mulheres encarceradas na Cadeia Feminina de Ndlavela, município da Matola, província de Maputo.

Entre as quatro paredes, ela e outras companheiras aprendem o saber fazer para facilitar a sua reintegração na sociedade após o cumprimento da pena.

Aos 22 anos, E. Sixpense estava a dar entrada nesta penitenciária, deixando com os pais os dois filhos menores e transportando consigo um sentimento de culpa pela má escolha que lhe afastou não só do convívio familiar como também da escola.

“Agi sem pensar e pelas consequências dos meus actos arrependo-me. A minha vida parou”, lamentou a jovem, que tem actualmente 26 anos.

Encontrámo-la terça-feira, 8 de Março, aquando da visita da Primeira-Dama a este estabelecimento prisional, por ocasião do Dia Internacional da Mulher. Mesmo estando privada de liberdade, E. Sixpense confessa que a cadeia está a lhe dar uma oportunidade de

reflectir mais sobre a vida. “Agora vejo a vida de uma maneira diferente. Sei que é bom viver de forma honesta, estudar e trabalhar para triunfar na vida”, acrescenta.

A nossa entrevistada aproveita o tempo para adquirir novos conhecimentos. Aprendeu a costurar, fez os cursos de informática, secretariado, relações humanas, enfermagem e educação de infância. Na cadeia já trabalhou no centro infantil interno, onde adquiriu experiência prática de como lidar com as crianças.

“Com estes cursos já dá para conseguir algum trabalho quando sair da cadeia ou fazer um negócio para tocar a minha vida para frente. Não vejo a hora de voltar ao convívio familiar. Espero que me concedam a liberdade condicional, porque já cumpri metade da pena”, anseia.

Aconselhou a outros, sobretudo os jovens, a não se deixarem levar por coisas fúteis da vida para que em nenhum dia parem na cadeia, tal como ela e outras mais de 100 mulheres que se encontram encarceradas neste estabelecimento prisional.

A integração social das mulheres é um dos desafios apontados pela Primeira-Dama, Isaura Nyusi, pois considera a mulher o centro da reposição do equilíbrio e estabilidade social da família.

“Minhas irmãs, é importante que aceitem rapidamente a correcção, sejam acessíveis a todo o tipo de aprendizagem, de modo a saírem deste meio mais enriquecidas com conhecimentos e valores úteis a serem replicados na família e nas comunidades de vossa proveniência”, orientou Isaura Nyusi.

CRIAR GALINHAS É A APOSTA DE ZANDAMELA



ENQUANTO as mulheres festejavam o seu dia na Cadeia Feminina de Ndlavela, o “Notícias” ia conversando com elas sobre a vida neste espaço prisional e o que pensam fazer após o cumprimento de suas penas.

A expectativa de voltar ao convívio familiar é maior entre as mulheres que cumprem pena naquela penitenciária. Muitas pensam em arranjar emprego, outras iniciar negócios de geração de rendimentos, uma vez que consideram a cadeia uma escola da vida.

“Aprendi que não devo mexer naquilo que não me pertence. Trabalhava com dinheiro e podia ter ficado satisfeita com aquilo que eu ganhava. Quis mais. Roubei e me dei mal”, contou E. Zandamela, condenada a 22 anos de prisão por desvio de fundos.

Mãe de cinco filhos, esta mulher está na cadeia há 11 anos e um mês. Espera ansiosa em voltar ao convívio familiar para implementar aquilo que aprendeu neste estabelecimento prisional.

“Já sei fazer horta e aprendi a criar galinhas. Enriqueci os meus conhecimentos o suficiente para iniciar o negócio de venda de frangos. Não apanho sonho quando penso na minha soltura, nem que seja condicional. Já cumpri metade de pena. Arrependo-me do meu acto. Acho que não fui responsável o suficiente para não me deixar levar pela ganância pelo dinheiro”, lamentou E. Zandamela, que era funcionária pública por 26 anos.

CURSEI INFORMÁTICA



INFORMÁTICA e Gestão de Pequenos Estabelecimentos Comerciais foram alguns dos cursos que Maria Judite(*), 43 anos, aprendeu durante os três anos que se encontra encarcerada na Cadeia Feminina de Ndlavela.

Condenada a oito anos de prisão por crime de burla, Maria Judite diz que a cadeia tem sido um local de reabilitação para ela. “É onde me encontro comigo mesma. Errei e espero ter uma outra oportunidade. Farei diferente”, acrescenta.

Mãe de dois filhos, a nossa entrevistada diz que quando sair da cadeia vai iniciar um negócio para refazer a vida. “A minha vida ficou estagnada e meus filhos ficaram com os meus familiares. É tempo que se vai, embora reconheça que estou a aprender algo útil”.

Na cadeia está também, Sónia Albino(*), uma jovem de 25 anos que está nesta penitenciária há três dias (8 de Março). Conta que se encontra encarcerada acusada de furto de telefone celular do seu patrão na casa onde ela trabalhava como doméstica.

“O telefone foi encontrado. Ainda não fui julgada. Espero sair o mais rápido possível desta cadeia”, disse.

RETOMAR A VIDA DE COMERCIANTE



RETOMAR a vida de comerciante é o que Rosa Joaquina(*), 56 anos, tenciona fazer quando cumprir sua pena de 20 anos de prisão por homicídio do seu sobrinho.

Contou-nos que ela era proprietária de um estabelecimento comercial e vivia com o sobrinho ora falecido. “Um dia apareceram pessoas em casa acusando-o de roubo. Os produtos estavam na minha casa. Na discussão ele acabou morrendo. Eu confessei o crime e hoje estou aqui na cadeia”, lamenta.

Rosa Joaquim é mãe de dois filhos e avó de seis netos. Conta que já aprendeu a costurar e a fazer machamba, em particular a plantar hortícolas, actividades que não tinha domínio antes de ser encarcerada.

Durante a visita conversámos também com N. Muteto, 25 anos, condenada a 12 anos de prisão por um crime que não se sentiu à vontade em partilhar connosco. Contudo, ficámos a saber que este é o seu quarto ano na cadeia, onde já aprendeu a cultivar a terra e a saber respeitar o seu próximo.

“Ainda vou aprender mais. Sairei daqui mais reabilitada”, refere N. Muteto, que espera voltar à sua comunidade para trabalhar e cuidar dos dois filhos menores de idade que estão sob custódia dos seus pais.

AUMENTA NÚMERO DE MULHERES NA CADEIA FEMININA DE NDLAVELA



O NÚMERO de mulheres que dão entrada na Cadeia Feminina de Ndlavela, município da Matola, província de Maputo, tem estado a aumentar nos últimos tempos, segundo avançou a directora da penitenciária, Judite Florêncio, sem no entanto apresentar números.

A dirigente falou ao “Notícias” esta terça-feira durante a visita da Primeira-Dama a este estabelecimento prisional, que se inseriu nas festividades do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher.

Segundo Judite Florêncio, as mulheres estão a cumprir pena porque comentaram diversos crimes, entres os quais o tráfico de drogas, homicídios, burla, roubo e furtos. “As mulheres cometem crimes da mesma forma que os homens. São todos humanos”, observou.

Para a reintegração social a fonte fez saber que a penitenciária possui uma escola que lecciona da alfabetização até à 10.^a classe, disponível para todas as mulheres que queiram aprender.

Para além da escola, a cadeia oferece diversos cursos profissionalizantes, tais como corte e costura (sector onde se produz diversos tipos de artigos, como lençóis e fronhas), produção de aves e hortícolas.

Ficámos a saber ainda que as mulheres têm tido palestras sobre a prevenção e tratamento de diversas doenças, em particular os cancros do colo do útero e da mama, assim como do HIV & SIDA.

“A gente vem da população. Temos malária, diarreias, HIV & SIDA. Temos algumas reclusas com cancro detectado quando se fez o rastreio no ano passado. Todas estão a fazer o tratamento”, garantiu Judite Florêncio.

Entretanto, a Primeira-Dama dialogou com as mulheres e ofereceu géneros alimentícios à cadeia.

Em representação das presidiárias, E. Zandamela agradeceu a visita e a força dada por Isaura Nyusi às mulheres reclusas, que por terem cometido algum crime sentiam-se sem nenhum valor na sociedade.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/52170-na-cadeia-feminina-de-ndlavela-mulheres-aprimoram-novos-saberes>